

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê 90 anos da Semana de
Arte Moderna no Brasil

ISSN 1809-5313

VOL. 8 - Nº 11 - 2012

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 82-95

BREVE PANORAMA DO MODERNISMO NO BRASIL – REVISITANDO MÁRIO E OSWALD DE ANDRADE

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins (CES JF)¹

RESUMO: O movimento Modernista brasileiro foi provedor de significativas contribuições para a nossa literatura e cultura. O presente artigo traça um panorama do movimento, sua influência na formação de um novo conceito de nacionalidade, a partir de uma revisão crítica do período colonial e da valorização dos elementos da cultura vernácula. As contribuições de Mário e Oswald de Andrade foram fundamentais para a concretização do ideal modernista de instituir um caráter verdadeiramente brasileiro à nossa literatura e às mais diversas manifestações artísticas. Os manifestos oswaldianos, Pau-Brasil e Antropófago, abrem caminho para a valorização das qualidades nacionais e para a deglutição do mundo. Através da metáfora da antropofagia, Oswald de Andrade propõe a devoração crítica das qualidades do outro para nutrir e aprimorar a cultura nacional brasileira, transformando o tabu em totem. Mário rompe de vez com o passadismo e concretiza, através de sua obra, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, talvez a maior realização de antropofagia porque já passou a nossa literatura. Apesar de já completados 90 anos desde o início do Modernismo no Brasil, marcado pela Semana de Arte Moderna, os conceitos de seus idealizadores permanecem atuais, mutantes, como o conceito de antropofagia, ajustando-se, ao longo do tempo, à realidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Antropofagia; Modernismo; Mário de Andrade; Oswald de Andrade;

ABSTRACT: The Brazilian Modernist Movement was the main collaborator of significant contributions to our literature and culture. The present study brings an overview of the movement, its influence on the raising of a new concept of nationality, based on a critical review of the Colonial period as well as the promotion of the elements of the vernacular culture. The contributions of Mário and Oswald de Andrade were essential for the achievement of the modernist ideal that intended to establish a truly Brazilian character to our literature and many national artistic manifestations. The "oswaldian's" manifests, Pau-Brasil and Anthropophagy have made a way for the valorization of the national qualities and for the world's swallow. Through the anthropophagy's metaphor, Oswald de Andrade suggests the critical devouring of other's qualities to nurture and improve Brazilian culture, changing the taboo into totem. Mário definitely breaks out with the passadismo and achieves, through his work *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, perhaps the biggest achievement of the anthropophagy movement because it has outdated our

literature. Although it is been 90 years since the beginning of the Modernism in Brazil, marked by the Modern Art week, the concepts of it's idealizers still remain updated, mutant, as the concepts of anthropophagy being adjusted throughout the time to the national reality.

KEYWORDS: Anthropophagy; Modernist; Mário de Andrade; Oswald de Andrade.

O MODERNISMO NO BRASIL

O movimento modernista, iniciado efetivamente em 1922, foi o palco de intensas transformações no cenário cultural brasileiro. Teve como propulsoras as influências externas, procedentes do exemplo europeu e influências internas geradas pelas mudanças políticas e econômicas do início do século. O crescente ritmo de industrialização por que passava o país, sobretudo a cidade de São Paulo e as novidades culturais que chegavam ao Brasil pelo Rio de Janeiro, foram seus primeiros aghões.

O exemplo externo ficou por conta das vanguardas europeias. A liberdade criadora, o rompimento com o passadismo, a expressão da subjetividade e um certo irracionalismo eram tendências dessas vanguardas que se irradiavam para outras partes do mundo. Paris era o centro cultural da Europa e por isso tanto fascinava artistas e escritores de todo o mundo, influenciando-os. Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, exemplos dessas importações, trouxeram para o Brasil estas tendências, as quais foram responsáveis pela profunda transformação cultural brasileira que se iniciou no século XX. De acordo com Antonio Candido (2010), embora o Modernismo tenha aberto a "fase mais fecunda da literatura brasileira" foi "complexo e contraditório", considerado inicialmente "excentricidade e afronta ao bom gosto" tanto na literatura quanto nas artes. (CANDIDO, 2010, p. 87)

A polêmica exposição de Anita Malfatti, em 1917, antes mesmo da Semana de Arte Moderna, dava mostras do conturbado período pelo qual passaria a nossa cultura. Teria a pintora se tornado a precursora de tais transformações, não fosse pela crítica ferina de Monteiro Lobato à sua arte, através do artigo *Paranoia ou mistificação*, "publicado na edição noturna de *O Estado de S. Paulo*" (1917), fazendo com que se fechasse, posteriormente, em uma tendência mais comportada. (SILVA, 2009, p. 23).

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e

em consequência disso fazem uma arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. (LOBATO, 2012)

As duras críticas de Lobato à arte de Anita Malfatti podem ter afetado a pintora, mas não as tendências de renovação cultural, instituídas pelo Modernismo, que nada tiveram de efêmeras. Tentando “atingir a crescente onda de culto às vanguardas, principalmente uma pequena elite de intelectuais”, o que Lobato conseguiu foi afastar-se dos modernistas. (SILVA, 2009, p. 23).

No furor deste processo de modernização, Mário de Andrade lançou sua *Pauliceia desvairada* (1922), uma representação da realidade paulistana do início do século. A mesma São Paulo que aos poucos se transformava no maior centro agroindustrial brasileiro também abrigou o ponta pé inicial do Modernismo no Brasil: a Semana de Arte Moderna, ocorrida entre 13 e 18 de fevereiro de 1922. (CANDIDO, 2010, p. 86). Marco inicial do movimento reuniu artistas das mais diferentes áreas com o propósito de modernizar a cultura brasileira. Os desdobramentos da Semana de 22 deram origem a sucessivos movimentos pela liberdade de criação e pela valorização de elementos da cultura nacional. Estes resultaram no rompimento com o poder erudito tradicional, imposto durante a colonização, ou, segundo Anderson Silva (2009), na criação de uma “consciência nacional antilusitana”. (2009, p. 45).

Em linhas gerais, os modernistas propunham a reconstrução da cultura brasileira através da valorização de elementos nacionais partindo de uma revisão crítica do passado nacional, eliminando os recalques da colonização.

A CONTRIBUIÇÃO DE OSWALD

Oswald de Andrade, um dos idealizadores da Semana de 22, não escondia o seu fascínio pela Europa. Segundo Silva (2009), “a influência francesa na formação

do intelectual é inquestionável. Da França vinham os modelos de conduta social, a moda, o comportamento moderno”, dizia ter “descoberto o Brasil” em Paris. (SILVA, 2009, p. 38). Na Europa, Oswald teve contato com as vanguardas que, importadas num gesto antropofágico, mudaram os rumos da nossa literatura, música e arte.

A paródia era o traço forte da poesia de Oswald na década de 20. Através dela seu autor denunciava o inconformismo de uma geração diante de um contexto histórico permeado por equívocos. Um exemplo é o poema *Erro de português*, paródia da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, incluído em seu livro *Poesias reunidas*, no conjunto de Poemas Menores, e que nada tem de menor, mas denota a enorme capacidade questionadora de Oswald.

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena! Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português (ANDRADE, 1974, p. 177).

A paródia oswaldiana, segundo Cláudio Willer (2009), alcança o contexto da colonização satirizando a visão de cenário paradisíaco das primeiras crônicas sobre o descobrimento do Brasil. (WILLER, 2009). A irreverência do poema exemplifica esta visão crítica do período colonial. Na tentativa de reverter os rumos de nosso passado lusitano propõe uma outra evolução histórica na qual o índio dominaria o português – “fosse uma manhã de sol”...

Ainda segundo Willer, nesse e em outros poemas sobre o cenário colonial pode-se perceber não somente um ataque a modelos que influenciaram os escritos, sobretudo no período romântico, “mas uma indagação e uma reflexão crítica sobre o que vem a ser o Brasil”. (WILLER, 2009).

Oswald demonstrou uma peculiar capacidade de sedimentar as ideias modernistas incorporando-as às suas poesias e manifestos. Sem se desvencilhar das raízes nacionais e, sobretudo, pregando a libertação da cultura europeia presente em nosso passado de colonizados, lançou em 1924 o *Manifesto da poesia Pau-Brasil*. Com originalidade, propunha a exportação simbólica do pau-brasil, nosso mais valioso produto no período colonial, transfigurado em poesia pelas vias do discurso literário. O manifesto de fundo nacionalista pregava “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. (ANDRADE, 1978, p. 6). A “valorização do erro” seria um “ataque

ideológico”, um diagnóstico da realidade sociocultural brasileira, “contra os aspectos cultos da língua denunciados como artificiais e excludentes”. (SILVA, 2009, p. 42).

Herança das vanguardas europeias, os movimentos e manifestos que surgiram no Modernismo, frutos do crescente anseio de renovação, tomaram corpo dividindo opiniões, disputando espaços e posições: Pau-Brasil, Verde – Amarelismo, Anta, Antropófago. Polêmicos, apesar de ideologicamente antagônicos partiam, de certa forma, de um ponto comum: a valorização das qualidades nacionais para (re)descobrir o Brasil. Nesta disputa, de um lado o “primitivismo” de Pau-Brasil e Antropofagia, nos quais predominava a absorção crítica da modernidade europeia associada às características locais; de outro “Verde-Amarelismo”, posteriormente “Escola da Anta”, no qual ainda figurava o “índio de tocheiro”, excessivamente nacionalista e ufanista, até mesmo, xenófobo. (GOMES, 2010, p. 39-40).

Os padrões propostos pelos integrantes do grupo Verde-amarelo, segundo Antonio Candido (2010), soavam de modo forçado e imaturo, equivalente ao que se viu no Romantismo. Novamente, “buscando na tradição indígena” sustentação para suas ideias, voltaram a se alicerçar na “cor local”. Em reação ao nacionalismo defendido por Oswald, os verdeamarelistas apontavam, neste, “tendências cosmopolitas”, exprimindo um sentimentalismo patriótico, por vezes, empobrecedor. (CANDIDO, 2010, p. 88-89). Um retrocesso, que a modernização deixara para trás. A esta altura seria impossível fechar as fronteiras do país às influências externas que na verdade tornaram-se mais benéficas que destruidoras, como pregavam seus integrantes.

O *Manifesto Antropófago*, lançado em 1928 – ou “Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha” – como ficou datado por seu autor, Oswald de Andrade, foi, certamente, a consolidação dos ideais modernistas. Pela metáfora da *Antropofagia* Oswald conseguiu reunir as propostas do movimento Modernista instituindo através de uma reflexão crítica da cultura brasileira, a mais intensa renovação porque já passou a nossa literatura. (ANDRADE, 1978, p. 19).

Abaporu – O homem que come – Antropófago – em Tupi. A tela com que Tarsila do Amaral presenteara Oswald por ocasião de seu aniversário foi a sua inspiração, ou talvez a mais fidedigna representação do movimento modernista, servindo para acender “a chispa do *Manifesto Antropófago*”. (NUNES, 1972, p. XVII).

Segui apenas uma inspiração, sem nunca prever seus resultados. Aquela figura monstruosa, de pés enormes, plantados no chão brasileiro ao lado de um cacto, sugeriu a Oswald de Andrade a ideia da terra, do homem nativo, selvagem, antropófago. (AMARAL, 2004, p. 128)

A partir daí os termos, antropófago e antropofagia, passaram a fazer parte do vocabulário intelectual brasileiro. Até então, referiam-se apenas ao ato de comer carne humana, atitude bárbara e primitiva relacionada aos índios pré-colombianos.

Embora a atitude de alimentar-se de seu igual tenha povoado a mente dos contemporâneos aos ameríndios, ditos, antropófagos, com imagens tenebrosas, repulsivas e até mesmo, sedutoras, tratava-se de um ritual sagrado. (GOMES, 2010, p. 43-44). Através deste, a incorporação das qualidades do outro acontecia pela devoração de suas carnes. "Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem". (ANDRADE, 1978, p. 18). Desta forma, eram devorados aqueles a quem, de alguma maneira, se admirava ainda que fossem inimigos, "para deles tirar proteína e tutano para o robustecimento e a renovação de suas próprias forças naturais". (CAMPOS, 2004, p. 235).

No artigo *Subjetividade antropofágica* Suely Rolnik (2012) define a prática da antropofagia como uma relação de reconhecimento das próprias necessidades e das qualidades de seu semelhante. Na incorporação da essencialidade do outro reside a sua própria renovação como também foi apontado acima por Haroldo de Campos.

A inspiração da noção de antropofagia vem da prática dos índios tupis que consistia em devorar seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo, para que partículas de sua virtude se integrassem à química da alma e promovessem seu refinamento. (ROLNIK, 2012, p. 2).

Neste sentido, o manifesto oswaldiano, em sintonia com o ritual ameríndio, seria um norteador de princípios que estimularia a relação dialógica e dialética com o outro, o reconhecimento da alteridade e sua incorporação consciente e até mesmo, mais eficiente. Através da metáfora da antropofagia Oswald fez "migrar para o terreno da cultura" o ritual de incorporação das virtudes de seus iguais, por vezes, venerado. (ROLNIK, 2012, p. 2).

Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. [...]

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.
(ANDRADE, 1978, p. 13).

A digestão cultural, proposta por Oswald, passava pela “valorização dos nossos elementos nativos e primitivos em combinação com a assimilação das tendências modernas do pensamento europeu”. (GOMES, 2010, p. 47 - 48). Uma estratégia que serviria para rever os recalques impostos pela colonização causados pela assimilação forçada dos padrões lusitanos e pelas propostas submissas embutidas pelos românticos.

Novamente, assim como no Romantismo, a utopia. A idealização de uma realidade perfeita montada sobre um mesmo elo, o índio, o mesmo selvagem que serviu a Alencar e Gonçalves Dias. Entretanto, a utopia antropofágica de Oswald seria uma espécie de antítese da utopia romântica como explica Haroldo de Campos:

A Antropofagia oswaldiana – já o formulei em outro lugar é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e conciliadora do “bom selvagem” (...) mas segundo o ponto de vista desabusado do “mau selvagem”, devorador de brancos, antropófago. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma “transvalorização”: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. Todo passado que nos é “outro” merece ser negado. Vale dizer: merece ser comido, devorado. (CAMPOS, 2004, p. 234 – 235).

Contrapondo-se ao índio rousseauiano, o *bom sauvage*, figura símbolo do nacionalismo romântico, o antropófago, ao qual se queria referir no Modernismo representava o mau selvagem. Ao contrário da subserviência do índio daquele movimento, o de Oswald, baseado em Montaigne, carregava uma ideologia oposta. Era ele quem iria dominar quem iria definir, por reconhecimento, admiração ou até mesmo por vingança, a quem digerir a quem se associar. Um “indianismo às avessas”, como

expressado por Haroldo de Campos. (1974, p. 49).

Tupy, or not Tupy, that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. [...]

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses. (ANDRADE, 1978, p. 16).

A antropofagia proposta por Oswald seria a quebra dos emblemas ou tabus culturais importados da Europa. A expressão “nunca fomos catequizados” significava admitir-se primitivo, livre, alentada pela “transformação permanente do tabu em totem”, o que significaria tirar da ordem o que foi instituído por imposição e opressão. (ANDRADE, 1978, p. 15). Apresentado sob uma linguagem poética, o manifesto “contempla paródias, dita palavras de ordem através de jogos verbais” com a “irreverência de um imediatismo panfletário”. Nos seus 52 aforismos estão presentes questionamentos à “estrutura política, econômica e cultural implantada pelo colonizador” representada, metaforicamente, pela sociedade patriarcal com seus padrões morais de conduta, atrelado, principalmente, à questão religiosa. (FONSECA, 2012).

Para Oswald de Andrade, a Antropofagia é tanto metáfora quanto diagnóstico e medida terapêutica. Metáfora do que deveríamos rejeitar, assimilar e superar em prol de nossa independência cultural; diagnóstico da sociedade brasileira reprimida por uma colonização predatória; medida terapêutica porque forma eficaz de reação contra a violência aqui praticada pelo colonizador. (GOMES, 2010, P. 49).

Segundo André Monteiro (2008) “é importante compreender o pensamento antropofágico como um pensamento criador e problematizador de uma ética da subjetividade” próprio da espécie humana. A partir desta, o indivíduo constrói seu próprio dever na interação com o pensamento do outro com liberdade para destruir / construir de acordo com suas necessidades e interesses, como foi proposto por Oswald: “só me interessa o que não é meu”. Desta forma, pela proposta da antropofagia o ato da criação não se torna próprio de um único ser. (PIRES, 2008, p. 177 – 179).

O homem natural instituído por Rousseau foi o representante usado pelos românticos, como se viu acima. Se a proposta de Oswald era, então, a de desmontagem do mito do século XIX, nada mais natural que tomar uma figuração oposta. Desta forma, para a destituição da alegoria do bom selvagem, “Oswald de Andrade tirou do capítulo XXXI dos *Essais* de Montaigne a própria ideia da vida primitiva” do mau selvagem. Destes extraiu costumes como a liberdade matrimonial, a ingenuidade, o ócio, o prazer da dança, o ritual antropofágico, transferindo-os para a Nação Tupi, foco de seu manifesto. Numa representação freudiana, associa o período colonial a uma forma negativa de patriarcalismo repressor. Através desta analogia explica que a devoração antropofágica desta sociedade, dá-se, como em Freud, em parricídio canibalesco que transforma o patriarcado em uma sociedade matriarcal – o matriarcado de Pindorama, no qual preside, antes de tudo, a alegria. (NUNES, 1978, p. XXX).

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama. (ANDRADE, 1978, p. 18).

Segundo Mário Chamie (2005), o matriarcado corresponderia a uma nova idade do ouro, da coletivização do solo, da sociedade sem estado. Uma volta a nossa origem canibal para reencontrar a nós mesmos, uma passagem do estado natural ao social. Regido pela antropofagia, a volta ao nosso passado primitivo serviria para avaliar as estruturas do presente e dessa forma projetar um novo futuro, fantasiosamente livre. (CHAMIE, 2005).

Patriarcado e matriarcado seriam, segundo Benedito Nunes (1978), tese e antítese à partir das quais dá-se o confronto entre pré-história e história. O matriarcado de Pindorama consistiria, assim, na síntese de ambos, o primitivo e o moderno constituindo uma sociedade mítica, focada no livre direito de expressão, criação, na liberdade (de)vir.

O ANTROPÓFAGO MÁRIO DE ANDRADE

O ano de 1928 ficou marcado por intensas transformações na história literária nacional. Como visto acima foi o ano em que Oswald de Andrade lançou o *Manifesto Antropófago*. Também neste mesmo ano, Mário de Andrade publicou *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, “o livro mais importante do nacionalismo modernista brasileiro”. (SOUZA, 2003, p. 9). Os Andrades, Oswald e Mário, não tiveram somente o sobrenome em comum, mas a ideia e a capacidade de revitalizar a literatura nacional. Para Antonio Candido (2010), “representam a ala inovadora e combativa do Modernismo” (CANDIDO, 2010, p. 93). Se Oswald foi quem abriu o caminho para a subjetividade criadora e a liberdade estética, através da *Antropofagia*, foi Mário quem, de fato a concretizou, através de *Macunaíma*.

Cumprido, entretanto, destacar uma curiosidade, segundo Anderson Silva (2009), Mário de Andrade era a “identidade poética” de Mário Raul de Moraes, adotada por este numa provável demonstração de admiração a Oswald (SILVA, 2009, p. 20). Assumir uma nova “identidade poética” representaria a personificação da renovação pela qual passaria a nossa literatura, como se a vida do intelectual e a vida literária nacional se tivessem fundido numa única proposta: tornar-se outro/a.

Polêmico, Oswald foi o grande agitador do movimento despertando uma consciência crítica sobre o passado colonial, propondo a “destruição” e ao mesmo tempo a “recriação” da cultura europeia dentro do Brasil (CANDIDO, 2010, p. 92). Mário, por sua vez, na busca pela elaboração de um conceito para a identidade nacional foi o maior demolidor da “pureza vernácula” e do “culto da forma”. Incentivando até mesmo o uso incorreto da língua, propunha uma gramática que se aproximasse da linguagem oral brasileira, legitimando, assim, o falar e o escrever brasileiro, como características de diferenciação dos padrões importados. (CANDIDO, 2010, p. 89).

Antropófago assumido como veremos abaixo, ao compor *Macunaíma*, Mário de Andrade demonstrou uma inigualável capacidade de materializar ideias devoradas de outros escritores e estudiosos, numa assimilação renovadora e criativa. Audacioso, o emprego de textos preexistentes lhe rendeu acusações de plágio.

Homem culto e de grande erudição, autodidata, oriundo de classe média paulista ascendeu à elite modernista devido a sua surpreendente capacidade intelectual. Musicólogo, pianista, professor de música, compositor, ensaísta, narrador, poeta, folclorista, historiador – as muitas faces de um missionário que se tornou “a maior realização do movimento paulista”. (SILVA, 2009, p. 66). Dentre as suas diversas

qualificações destaca-se a de pesquisador da música e do folclore nacional a qual lhe servir de exemplo para a composição de sua “rapsódia”, classificação que ele próprio instituiu à sua obra. (ANDRADE, 1996, p. XXIII).

O termo rapsódia cunhado por Mário para sua criação já determina seu caráter antropofágico. Trata-se a rapsódia de composição musical que reúne diferentes estilos musicais. Assim é que a obra marioandradina se compõe, pela assimilação dos textos dos autores citados acima, com os elementos do folclore nacional e das culturas indígena, negra e europeia que fazem parte da miscigenada raça brasileira. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, foi uma imersão no inconsciente individual e coletivo brasileiro, destruindo o caráter nacional purista, substituindo-o por um elemento transgressor, mutante, capaz de deslocar-se no tempo e no espaço, quebrando regras, destruindo tabus. Macunaíma era um índio às avessas.

Haroldo de Campos (1974) cunhou a expressão que melhor definiu o projeto modernista de construção da identidade nacional: o “indianismo às avessas” que serviu para definir a desconstrução da imagem do indianismo romântico (CAMPOS, 1974, p. 49). O “índio de tocheiro”, da “caixa de biscoito” do manifesto oswaldiano foi substituído por outro forjado ao sabor da destruição da imagem romântica. Preto retinto, filho do medo da noite, transgressor da lógica e da linguagem – o herói sem nenhum caráter – um anti-herói. Ainda que não se trate da questão da moralidade apenas, a ausência de caráter refere-se também a multiplicidade e indefinição de caracteres definidores da identidade brasileira, assumidamente, miscigenada. (ANDRADE, 1974, p. 49)

Segundo o crítico Antonio Candido (2010), a narrativa de Mário representa uma fusão das “tradições brasileiras numa *féerie* rabelesiana desprovida das dimensões de tempo e espaço”. O projeto de Mário constituiu-se numa revisão de nosso passado na busca pelas raízes nacionais, pautado por um profundo nacionalismo crítico, satírico realizado através da paródia. Seu alvo direto foi como não poderia deixar de ser, o indianismo romântico. (CANDIDO, 2010, p. 90).

Os princípios norteadores da antropofagia oswaldiana, aparecem na referida obra de Mário como se tivesse havido uma prévia combinação para que se complementassem. No entanto, Mário, em carta a Alceu de Amoroso Lima, demonstrava uma certa preocupação de que o livro fosse tomado à sombra da proposta da Antropofagia de Oswald:

Macunaíma vai sair em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927e, vai parecer inteiramente antropófago... Lamento um

bocado essas coincidências todas, palavra. Principalmente porque Macunaíma já é uma tentativa tão audaciosa e tão única. (ANDRADE, 1997, p. 498).

Apesar do cunho antropofágico, Macunaíma foi de um ineditismo incontestável. Verdadeira comprovação da assimilação e reelaboração da ideia do outro. A frase retirada do “Prefácio interessantíssimo” da *Pauliceia desvairada* – “Sinto que meu copo é grande demais para mim, e ainda bebo no copo dos outros” – é um exemplo da busca de Mário pela propriedade alheia. (SOUZA, 1988, p. 23). Para compor sua obra mais consagrada não escondeu ter tomado de empréstimo os estudos do etnógrafo alemão Koch Grünberg, assim como os estudos de historiadores e folcloristas nacionais, conforme aponta Gilda de Mello e Souza (2003):

Se atentarmos para o material que serviu a Mário de Andrade na elaboração da narrativa, veremos que ele testemunha a mesma mistura étnica da música popular, apresentando uma grande variedade de elementos provenientes de fontes as mais diversas: aos traços indígenas retirados de Koch- Grünberg, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Capistrano de Abreu e outros. (SOUZA, 2003, p. 15).

Devorando não somente os autores que lhe serviram de inspiração, mas incorporando as obras destes aos elementos da tradição popular, Mário dá um mergulho no primitivismo, proposta oswaldiana, contribuindo para divulgar a cultura nacional. Segundo o crítico Antonio Candido (2010), as pesquisas realizadas por Mário no campo da “etnografia e do folclore”, sistematizaram “o interesse dos modernistas pelo conhecimento das culturas primitivas e populares” (2010, p. 89). Mais do que contestar os recalques impostos pelo colonizador a valorização conferida por Mário à cultura nacional, contribuiu para transformar ressentimentos do passado em conquistas que resultariam em um sentimento de orgulho por nossas tradições culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há 90 anos o lançamento do Modernismo no Brasil alterou de maneira

significativa os rumos da cultura e da literatura brasileira. Ainda assim, as ideias de seus idealizadores permanecem atuais ajustando-se, ao longo do tempo, à realidade nacional. Embora este não seja o foco deste trabalho, os antagonismos entre Oswald e Mário de Andrade ocasionaram o distanciamento entre ambos, no entanto, uma coisa tiveram em comum: as suas contribuições foram igualmente significativas para a renovação crítica da literatura e da cultura brasileira. Consagrados entre os maiores nomes do Modernismo brasileiro deixaram um legado que ainda hoje norteia o trabalho de escritores, músicos, artistas de todos os níveis: o conceito de *Antropofagia* – mutante como o herói sem nenhum caráter, Macunaíma, de Mário de Andrade – transgressor, ousado, inventivo, devorador. Afinal, parodiando Oswald de Andrade, a vida é devoração pura.

NOTAS

¹ Mestranda em Letras, Literatura Brasileira, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Tarsila do. *Tarsila por Tarsila*. São Paulo: Celebris, 2004.

ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

ANDRADE, Oswald. *Obras completas. VII. Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.

_____. *Obras completas. Do pau Brasil à antropofagia e as utopias*: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPOS, Augusto de. *Revistas re-vistas: os antropófagos*. In: Edição fac-similar. São Paulo: Abril Cultural / Metal Leve, 1975.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: _____. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas VII: Poesias*

reunidas. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. São Paulo. Rio de Janeiro: FAPESP; Ouro sobre Azul, 2009.

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAMIE, Mário. Freud, Oswald de Andrade e a Antropofagia. In: *Agulha - Revista de Cultura*. Fortaleza; São Paulo, Janeiro de 2005. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag43chamie.htm>.> Acesso em: 26 mar 2012.

FONSECA, Maria Augusta. *Revista de Antropofagia (1928-1929)*. Brasileira USP. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/438>.> Acesso em 26 mar 2012

GOMES, Heloisa Toller. Antropofagia. In: FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. G. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Paranoia ou mistificação?*. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>.> Acesso em: 27 mar 2012.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In.: ANDRADE, Oswald – *Obras completas, VI: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

PIRES, André Monteiro Guimarães Dias. A subjetividade antropofágica e a escrita da vida. In: *Verbo de Minas*. letras / Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-graduação. – v. 1 n. 1. Juiz de Fora, 2008.

ROLNIK, Suely. *Subjetividade Antropofágica*. Disponível em: <www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/.../Subjantropof.pdf.> Acesso em 26 mar 2012

SILVA, Anderson Pires da. *Mário e Oswald: uma história privada do Modernismo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

SOUZA. Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso: jogo e linguagem em Macunaíma*. Belo Horizonte: UFMG, 1988.